

RECENSÃO

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, Ed. Paulus, São Paulo, 2002, 13,5 x 21cm, 2206 p.

Antes de tudo, os parabéns sinceros à Paulus pelo serviço inestimável de oferecer ao Brasil o tesouro da Bíblia de Jerusalém (BJ), agora em “nova edição, revista e ampliada”, correspondendo ao original da BJ francesa de 1998. Se a edição de 1985 era apenas a revisão da BJ brasileira, lançada em 1981, a edição atual apresenta-se como a tradução da BJ francesa, que se apresenta como “nova, revista e corrigida”.

Onde, a novidade e onde, as correções? A novidade está no avanço, inelutável, dos estudos bíblicos: a mudança ocorrida, por exemplo, na teoria das fontes do Pentateuco; os questionamentos aos dados bíblicos sobre a história de Israel; os novos resultados dos estudos sobre os evangelhos, as cartas paulinas e os outros escritos do Novo Testamento. E as correções? Muitas, devido ao progresso da lingüística e, também, pela necessidade de adequar a tradução às mudanças da língua.

Por outro lado, substancialmente é a mesma BJ, cuja qualidade insubstituível todos reconhecemos e que, mesmo ao lado da TEB, a “Tradução Ecumênica da Bíblia”, da Loyola e, agora, ao lado também da “Bíblia do Peregrino”, da mesma Paulus, continua a gozar da preferência dos nossos teólogos e estudantes de Teologia.

Exatamente por esses motivos, tenho uma série de observações críticas a fazer, no intuito de contribuir para o aprimoramento de tão preciosa publicação que, infelizmente, careceu de uma revisão à altura da sua importância.

Em primeiro lugar, consta que a direção editorial é de Paulo Bazaglia, e a coordenação editorial é do biblista José Bortolini. Consta, igualmente, que os revisores literários desta edição, diferentes dos da edição de 1985, são os seguintes: José Dias Goulart, Honório Dalbosco, Manoel Quinta, Ivanildo Bezerra Lopes. Mas quem é que traduziu, precisamente, as Introduções e as próprias notas e textos modificados? Eu, por exemplo, que contribuí em 1981 com a tradução do texto e das notas de 1-2Macabeus, Daniel, Baruc, e Atos dos Apóstolos, não fui sequer consultado sobre esses livros, e tenho várias observações a fazer ao texto que aí está, embora conste o meu nome. E assim, imagino, deve ter acontecido com os outros contribuintes da edição de 1981. É pena que isso tenha acontecido.

Falando de modo geral, penso que é urgente uma séria revisão do texto publicado. Li com vagar todas as Introduções e ainda, especialmente, o texto dos cinco livros dos quais eu era responsável: é impossível fazer a lista das correções a serem feitas, tal a quantidade das que pude anotar.

Só a título de exemplo, e só na p. 29, na Introdução ao Pentateuco, anotei o seguinte: 1) na coluna esquerda, em cima: “tornar *inexplicável*, não ‘inexplicáveis’, a

história subsequente de Israel:” (acrescentar os dois pontos). 2) ainda na col. esq., ao meio: Após “a situação política da Transjordânia”, faltou um período inteiro, que está na BJ francesa, p. 33: “*Tarefa do historiador moderno é confrontar esses dados da Bíblia com os fatos conhecidos da história geral. Isto não é fácil e impõe reservas, as quais vêm tanto da insuficiência dos dados bíblicos como da incerteza da cronologia extrabíblica.*” 3) ainda na col. esq., ao meio: ... “na construção das cidades-armazéns”, não “de cidades”... “O Êxodo seria posterior à *ascensão*”, não “ao acontecimento” de Ramsés II. 4) na col. esq., embaixo: “perturbações que *sacudiram* todo o Oriente... não “ajudaram”. 5) na col. esq., embaixo, todo o parágrafo referente ao Decálogo está deslocado: deve ser transposto para a página seguinte, p. 30, col. esq. em cima, antes do parágrafo que diz: “É o direito de uma sociedade...”

Outro caso: na p. 1964, no fim da Introdução às Cartas de São Paulo, a propósito das “cartas pastorais”, há várias frases ambíguas, que não correspondem ao original da BJ francesa, p. 2143. Assim: 1) “Predomina aqui a *preocupação de integração na sociedade ambiente*” e não “um conceito burguês pela respeitabilidade e a aceitação”; 2) “e as qualidades dos ministros são as *de qualquer líder de comunidade*” e não “as requeridas de todos os burocratas”; 3) “Uma Igreja *entusiasta, inflamada pelo Espírito*”, não “entusiástica, radiante com o Espírito”, “tornou-se *uma comunidade organizada*”, não “um cômodo lar”; 4) “O líder *carismático cedeu lugar a uma direção institucional, sinal de um período de transição no qual a legitimidade se torna essencial. Mas não há evidência...*” e não “Todavia, embora a liderança carismática tenha dado caminho à direção institucional, não há evidência...”

Ainda: na p. 1841, no final da Introdução ao evangelho e às cartas de João, na col. dir., última alínea: “1Jo 2,18-21 alude a *um* cisma que *se teria* produzido...” e não “alude a cisma que *ter-se-ia* produzido...” Aliás, a propósito da falta do indefinido, antes de “cisma”, notei que é uma constante do tradutor ou revisor desta edição a omissão do artigo indefinido, mesmo quando conveniente ou necessário, por exemplo, na tradução de Jo 6,70: “um de vós é diabo”, em vez de “*um* diabo”; em At 10,28: “é ilícito ao judeu relacionar-se com estrangeiro”, em vez de “com *um* estrangeiro”; em At 11,24, a propósito de Barnabé: “era homem bom”, em vez de “era *um* homem bom”; em At 14,18: “...impedia que a multidão lhes oferecesse sacrifício”, em vez de “oferecesse *um* sacrifício”. Mas, voltando à p. 1841, no final da col. dir., a propósito de 1Jo 4,8.16 se diz que é “uma das afirmações mais *perturbadoras* de toda a Bíblia”... Entretanto, no original, na BJ francesa, p. 2001, o adjetivo é “*bouleversantes*”, realmente difícil de traduzir: mas eu diria “*impactantes*”, em vez de “*perturbadoras*”.

No texto de Atos, no qual consta meu nome como tradutor, mudaram constantemente a expressão “abraçar a fé” para “tornar-se crente” (!), traduzindo servilmente o francês. Por outro lado, no texto de 1Macabeus, no qual também consta meu nome, mudaram constantemente o substantivo “Cidadela” para “fortaleza”, apesar de a BJ francesa fazer claramente a distinção entre esta fortaleza determinada, a *Akra*, que ela sempre traduz por “*Citadelle*”, e as outras fortalezas, elas sim, “*forteresses*”. Nos sinóticos, entre muitas outras coisas, o adjetivo “Nazoreu” vem quase sempre grafado como “Nazareu”. Mas, repito, a lista das correções a serem feitas é interminável, urgindo, pois, em obra de tantos méritos, uma revisão cuidadosa.

Uma última observação. Nas “Observações” referentes à tradução, na p. 13, que correspondem ao “*Avertissement*” da BJ francesa, há uma omissão lamentável de vários parágrafos referentes ao sagrado nome de Deus. Este, grafado em francês como *Yahvé*, deveria ser grafado em português como *Yahvê*, e fechado (porque assim se pronuncia o *e* com acento agudo francês), apesar do equívoco, agora já estabelecido, da pronúncia “Javé”, com *e aberto*. Nesta edição brasileira continuou-se a grafar, mais sofisticadamente que na BJ francesa, *Jahweh*, com *w*, mantendo-se a forma adotada nas edições de 81 e 85. Mas a omissão a que me refiro é a do texto seguinte, que faço questão de reproduzir, e que não deverá faltar, absolutamente, numa nova edição:

“Encontra-se, nesta tradução, o nome de Deus sob a forma Yahvê (cf. Gn 2,4). Esta forma, utilizada há certo tempo em várias traduções francesas, traz alguns problemas. Sabe-se que, no hebraico primitivo, só as consoantes eram assinaladas. As vogais do nome divino, colocadas tardiamente pelos massoretas, são as do vocábulo adonay (“senhor”), que se devia pronunciar em vez do nome de Deus, considerado santo demais para ser proferido.

A vocalização yahvêh é a reconstrução hipotética de um nome cuja pronúncia real não era mais conhecida. Diga-se o mesmo da vocalização yehovah, mais próxima da de adonay, mas que também não corresponde à forma primitiva.

Várias soluções foram aventadas, para marcar o caráter impronunciável do nome divino. Certas traduções substituíram esse nome pela fórmula “o Senhor” (seguindo a Septuaginta, que traduzia por Kyrios, e a Vulgata, que traduzia por Dominus), ou ainda “o Eterno”. Outros se contentam em suprimir as vogais, reproduzindo simplesmente o tetragrama YHWH.

Nós conservaremos aqui a forma corrente Yahvê, mas, em situação de leitura pública, e mais ainda num quadro litúrgico, recomenda-se dizer, melhor, ‘o Senhor’.”

Repito. Por que se omitiu “advertência” tão importante, tão clara, tão esclarecedora, sobre uma das características da BJ, que é justamente o emprego direto do nome divino? Ainda mais que esta advertência é uma das novidades da BJ francesa de 1998, que não se encontra na BJ francesa anterior, de 1973. Se esta edição brasileira se apresenta com as “novidades” da BJ francesa, o que será que levou os editores a simplesmente silenciá-la?

Apesar de todas estas observações, no entanto, quero terminar como comecei, expressando meus sinceros parabéns à Paulus pelo serviço inestimável à Igreja do Brasil que é esta nova edição, atualizada, da Bíblia de Jerusalém. Mesmo discordando da afirmação – legítima em marketing! – de que estamos diante de uma edição da Bíblia “inteiramente nova”, concordo com a frase final da propaganda: “Com razão se poderá dizer” – especialmente após uma boa revisão – “que, hoje, esta edição da Bíblia de Jerusalém representa a mais nova e atual leitura do texto da Bíblia no Brasil”.

Ney Brasil Pereira
Caixa postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
email: neybrasi@terra.com.br